



IVO LOPES ARAÚJO

E agora, Helvécio? ▶ Como você vê o seu cinema em relação aos filmes dos outros jovens realizadores dos últimos anos? Quais são as proximidades e as distâncias que você percebe?

Helvécio Marins Jr. Eu não me identifico com isso que chamam de “novíssimo”. Eu costumo brincar com a expressão “cinema de caixinha”. A cada hora surge uma para encaixar os filmes que estão sendo feitos: agora é a caixinha do cinema dos coletivos, dos “novíssimos”, antes era o da “videoarte”, e por aí vai... Pessoalmente eu me identifico com alguns dos chamados novíssimos, mas artisticamente estou noutra. Além disso, sou de uma geração intermediária, que lidou com a mudança de tecnologia, as formas de produção. Até mesmo a cinefilia: a gente tinha que ver os filmes em VHS, cinematecas, festivais, cineclubes... Há pouco tempo, em 2001 ou 2002, os festivais no Brasil ainda estavam engatinhando para aceitar filmes em diferentes suportes. Antes os filmes eram separados em competições diferentes, competição em 35 mm, 16 mm, vídeo. A minha geração ainda associou o cinema à película, montei o meu primeiro curta na moviola, quer dizer, eu não sou tão “novíssimo” assim. Este ano chego aos 40. Não quero ser leviano, eu gosto de alguns filmes dessa galera, mas a maioria não me agrada.

Por outro lado, pouco depois que você e a Clarissa Campolina filmaram o curta *Trecho*, Cao Guimarães fez *Andarilho* – e são dois filmes com várias características em comum, mesmo que vocês sejam de gerações diferentes.

Pois é, tem essa relação mesmo. E, como um pessoal precisa achar uma caixinha para dar nome, já começaram a falar na “videoarte mineira”, apesar dos filmes terem fotografia naturalista, cortes secos etc. – ou seja, linguagem cinematográfica. Há quanto tempo que não se revê esse conceito de videoarte? Depois que eu tanto reclamei da “videoarte”, virou “experimental”, uma nova caixinha. Enfim, eu acho que essa proximidade tão grande entre os filmes acabou sendo uma “infeliz coincidência”, mesmo que o projeto de *Trecho* tenha sido pensado em 2003 e filmado em 2005. *Andarilho* foi feito anos depois. Mesmo assim, acho os dois filmes bem diferentes, principalmente em termos de abordagem e na forma de tratar os personagens. Mas para os que adoram uma caixinha foi um belo presente!

Tanto *Trecho* como *Girimunho* procuram “ouvir uma voz”, registrar uma certa prosódia popular – tanto que *Girimunho* foi relacionado muitas vezes com os textos do Guimarães Rosa.

Guimarães Rosa... é complicado. *Grande sertão: veredas* talvez seja a obra de arte da minha vida, mas já falaram também que *Nascente* era inspirado em *A terceira margem do rio*. Eu agradeço, é uma honra, mas eu nunca pensei nisso, cada um no seu lugar, jamais quero me comparar a um artista do nível do Rosa. Claro que existe alguma inspiração – se você ouvir a Bastu ou a Dona Maria falando, naturalmente o fraseado delas remete a alguns personagens do Guimarães Rosa, não só do *Grande sertão*, mas também do *Magma*, em que há um poema chamado *Batuque*, e por aí vai... Coincidências existem, mas nada foi escolhido em função disso. *Girimunho* tem personalidade própria, é um filme de um Brasil interiorano, contemporâneo, desconhecido dos próprios brasileiros, com seu vocabulário e sintaxe regional. E este regional é autêntico, sintetiza a condição humana e psicológica das personagens – isso vem de uma longa observação da vida sertaneja, da vida deles, da paixão que tenho por aquele lugar, por aquelas pessoas. Foi um prazer enorme e aprendi muito com eles durante os oito anos de pesquisa. Eu continuo indo visitá-los, anos após o filme. E essa experiência documentária, essa convivência e intimidade durante tanto tempo, deu lugar a um estudo profundo, à observação daquele cotidiano e à invenção da história (devo muito a Felipe Bragança) que contamos no filme. Como diz Antônio Cândido: “Tudo se transforma em significado universal graças à invenção, que subtrai a obra do regionalismo para fazê-lo exprimir os grandes lugares-comuns, sem os quais a arte não sobrevive: dor,



À esquerda, *Nascente*,
à direita, *Girimunho*.



IVO LOPES ARATJO

júbilo, ódio, amor, morte, para cuja órbita nos arrasta a cada instante, mostrando que o pitoresco é acessório e, na verdade, o Sertão é o mundo”.

E seus próximos projetos?

Desde que saí da Teia, ando escrevendo muito. Aprendi muito com o Bragança. Dois projetos estão mais adiantados. Um deles é *A mulher do homem que come raio laser*, inspirado pela canção *O circo chegou*, do Jorge Ben. Não é um filme de circo, e eu já nem sei se vou usar a canção – mas este é um filme, digamos, 100% ficção e com “atores profissionais”. O outro ainda tem título provisório, por enquanto se chama *Fazenda bordada*, mas deve mudar. Este é um filme mais próximo de *Girimunho*, com personagens reais interpretando a si mesmos, e se passa numa fazenda no noroeste de Minas.

Os **filmes-faróis** de Helvécio Marins Jr.

Odeio listas. Recentemente rejeitei um convite de uma revista inglesa, pois julgava impossível eleger apenas dez filmes da história do cinema. Dessa vez, o convite da Filme Cultura era irrecusável, mas consegui convencer a equipe da revista a me deixar fazer uma lista com dez filmes internacionais e dez brasileiros. Para minha sorte, aceitaram. A única ressalva é que, por motivos de espaço, os curtíssimos comentários sobre as obras se restringiram apenas à primeira lista. Tentei... Provavelmente amanhã escolheria outros dez filmes.

Da lista dos dez internacionais, antecipo duas calamidades gravíssimas. Não tem nenhum filme dos Estados Unidos! E nenhum filme do Godard, o cara que sempre considerei meu cineasta favorito! Vai entender... por essas, odeio listas! Qualquer um dos dez brasileiros poderia estar lista do junto dos dez “gringos”. Estão em ordem alfabética e eu optei por não repetir filmes de um mesmo cineasta.

1. *A noite*, de Michelangelo Antonioni
Antonioni é para mim a elegância na forma de abordar e filmar. *Blow up*, *O eclipse*...

2. *Os irmãos da família Toda*, de Yasujiro Ozu
Ozu é quem mais me fez amar o cinema.
3. *Close-up*, de Abbas Kiarostami
Filme-Cinema. Talvez o meu mestre contemporâneo.
4. *Era uma vez no Oeste*, de Sergio Leone
Pra deixar um Ford fora da lista, só mesmo Leone.
5. *Andrei Rublev*, de Andrei Tarkovski
O cineasta que mais me instigou e fez pensar (até um minuto atrás seria *O espelho... E Stalker?*)
6. *O espírito da colmeia*, de Victor Erice
O mais puro encantamento que um filme provocou em mim.
7. *O rio sagrado* (*The river*), de Jean Renoir
O filme que é mais a minha cara.
8. *Persona*, de Ingmar Bergman
O realizador que mais contribuiu para elevar os meus sentidos.
9. *Shoah*, de Claude Lanzmann
Jamais senti tanta dor ao ver um filme. E tem quase dez horas de duração.
10. *Um condenado à morte escapou*, de Robert Bresson
O realizador que mais me inspirou a fazer cinema.

+ dez brasileiros:

1. *A hora e a vez de Augusto Matraga*, de Roberto Santos
 2. *Cabaret mineiro*, de Carlos Alberto Prates Correia
 3. *Cabra marcado para morrer*, de Eduardo Coutinho
 4. *Iracema, uma transa amazônica*, de Jorge Bodanzky e Orlando Senna
 5. *Limite*, de Mário Peixoto
 6. *O bandido da luz vermelha*, de Rogério Sganzerla
 7. *São Bernardo*, de Leon Hirszman
 8. *Serras da desordem*, de Andrea Tonacci
 9. *Terra em transe*, de Glauber Rocha
 10. *Vidas secas*, de Nelson Pereira dos Santos
- Nota de pesar: *Ganga bruta*, de Humberto Mauro, de fora? Como?



Era uma vez no Oeste
e *O rio sagrado*